

PREÂMBULO

A Pequena Comunista que Nunca Sorria não pretende ser uma reconstituição histórica da vida de Nadia Comaneci. Embora as datas, os lugares e os acontecimentos tenham sido respeitados, quanto ao resto, optei por preencher os silêncios da História e os da heroína e por conservar o rasto das múltiplas hipóteses e versões de um mundo desaparecido. A conversa entre a narradora do romance e a ginasta resume-se a uma ficção sonhada, uma maneira de dar voz a este filme quase mudo que foi o percurso de Nadia C. entre 1969 e 1990.

L.L.



PRIMEIRA PARTE





Que idade tem ela?, pergunta a juíza principal, incrédula, ao treinador. Este número, catorze, fá-la estremecer. O que a pequena acabou de fazer reduz a pedaços a sequência dos números, das palavras e das imagens. Não é do domínio do compreensível. Não é possível classificar o que acaba de acontecer. Ela atira a gravidade para trás das costas, o seu corpo franzino cria um espaço no ar e enrosca-se nele.

Mas porque é que ninguém os preveniu de que era preciso olhar nessa direção?, enfurecem-se aqueles que perdem o momento em que, sobre os dez centímetros de largura da trave, Nadia C. se lança para trás e, com os braços em cruz, dá um pontapé na Lua, um salto às cegas; viram-se uns para os outros, alguém percebeu? Você percebeu?

O placar electrónico anuncia COMANECI NADIA, ROMÉNIA, seguido de 73, o seu dorsal, e onde deveria constar a sua nota: nada.

Todos aguardam. Pálidas, as ginastas soviéticas vão e vêm na área reservada aos treinadores e às participantes que terminaram a prova. Elas sabem. Quanto às companheiras da equipa romena, parecem desesperadas. Dorina tem as mãos juntas, Mariana repete uma frase num murmúrio, uma outra parece desfalecida, com os olhos fechados; Nadia, por seu lado, um pouco à parte, com o rabo-de-cavalo às três pancadas, nem lança uma olhadela ao placar. E é ele que ela vê primeiro, Béla, o seu treinador, de pé, com os braços erguidos ao céu e a cabeça atirada para trás; por fim, vira-se e descobre a sua sentença, esse terrível 1 em 10 que surge em números luminosos diante das câmaras do mundo inteiro. Um vírgula zero zero. Revê mentalmente



possíveis falhas, talvez a recepção do mortal à retaguarda, não tão estável como devia, o que fez para merecer aquilo? Béla abraça-a, não te preocupes, minha querida, vamos apresentar uma reclamação. Mas um dos juízes atrai-lhe a atenção. Porque o sueco se levanta e fixa nela os olhos marejados de lágrimas. E todos contarão esse instante tantas vezes que hoje ela já não está certa de o ter vivido; quem sabe se não o viu na televisão, se esse episódio não foi escrito para um filme?

O público pôs-se de pé, e dezoito mil corpos desencadeiam a tempestade, os pés retumbam ritmicamente no chão e, por entre o estrépito, o sueco abre e fecha a boca, pronuncia palavras inaudíveis, milhares de *flashes* formam uma chuva de clarões desiguais; ela vislumbra o sueco, que está ele a fazer?, abre as duas mãos e o mundo inteiro filma as mãos do juiz estendidas para ela. Então a rapariga também estende as mãos para ele, pede-lhe uma confirmação, é um... dez? E ele faz um suave aceno de assentimento, mantendo os dedos abertos diante do rosto, centenas de câmaras ocultam-lhe a miúda, as raparigas da equipa romena dançam em redor dela, sim, amor, sim, esse um vírgula zero zero é um dez.

O placar gira com lentidão da esquerda para a direita, do júri para o público, passando pelas ginastas, apresentando esse um que se deve entender como dez. Uma vírgula deslocada. Ou, antes, uma vírgula que, com obstinação, se recusa a deslocar-se. Um homem vai e vem entre a imprensa e os juízes, com a *T-shirt* oficial JOGOS DE MONTREAL 1976 escurecida nas axilas, enxuga a testa. A chefe do painel de juízes faz-lhe sinal para se aproximar, há demasiado ruído, qualquer coisa avariou a máquina, é o que lhe digo, os apitos obrigam-nos a inclinarem-se um para o outro, estão a brincar, ou quê? O planeta inteiro está a filmar, é o primeiro dia da competição! Onde se meteu o tipo da Longines? O engenheiro que concebeu os painéis de pontuação tenta transpor os jornalistas ajoelhados em redor da rapariga para chegar à mesa dos juízes, que gesticulam: o seu sistema não funciona! E ele, para o representante do COI, que tapa uma orelha para o ouvir, nas

outras competições funciona, FUNCIONA, o computador é infalível, foram vocês que o avariaram, aponta o dedo para os juízes, mas tudo se modificou, já não lhe prestam atenção, os juízes tornaram-se espectadores, choram e aplaudem a miúda que se sentou junto do treinador, com as costas estreitas viradas para a máquina senil, que resmunga: um vírgula zero zero.

Reúnem-se durante o intervalo. OK. A romena (ou alguém da sua equipa) teve acesso aos computadores? Terá tomado produtos que lhe possam ter alterado o sistema? Perdeu a cabeça, meu amigo, tudo isso para salvar a face, francamente, não dá para crer! Culpam-se mutuamente. Nas reuniões preparatórias, o Comité Olímpico garantiu-nos que o dez não existia em ginástica, protestam os engenheiros da Longines, que a imprensa apelidou maliciosamente de equipa «um vírgula zero zero». Às treze e quarenta obtém-se o veredicto: a base de dados bloqueou por se terem registado pontuações invulgarmente elevadas. A miúda avariou o computador.

Tem-se até ao dia seguinte para adaptar o sistema à criança. Carrega-se em botões, executam-se programas. É preciso acrescentar um algarismo. Deslocar a vírgula. Qual é a probabilidade de ela repetir a proeza, pensam que «isso» pode voltar a acontecer amanhã? Não sei, responde o juiz inglês. Não sei, responde o juiz checoslovaco. Tentam imaginar exercícios que merecessem um dez na trave. Não conseguem. Nunca ninguém obteve dez nos Jogos Olímpicos em ginástica. Interrogam-nos de novo. Estão certos de que não se deixaram influenciar pelo entusiasmo dos espectadores? Não, respondem. Analisaram a rapariga com minúcia, tentaram descobrir uma falta, mas nada. Zero faltas. E há mais: alguns juízes teriam gostado de ir mais além, de lhe dar onze em dez! Doze, acrescenta a juíza canadiana. É preciso inventar números novos! Ou então que se abandonem os números.

«Se Comaneci estivesse a competir com uma abstracção e não com rivais humanas, poderíamos continuar a dar-lhe dez?», perguntam a Cathy Rigby, a antiga ginasta que se tornou comentadora



dos Jogos Olímpicos para a cadeia ABC. «Se a Nadia fizesse o que faz, completamente sozinha, numa sala vazia, creio que continuaria a merecer um dez», responde Rigby depois de ter refletido na possibilidade de inventar abstrações mais abstractas do que a perfeição.

Tentam circunscrever o acontecimento. Na manhã seguinte, o Comité Olímpico exige que Nadia se submeta a três controlos *antidoping* suplementares. O caso suscita debates. Assiste-se ao aparecimento de uma nova geração de bebés ginastas, ou Nadia será um epifenómeno? É um sismo geopolítico. Os treinadores soviéticos ouvem um sermão: não vamos deixar que a Roménia nos humilhe, camaradas. A Ludmila vai salvar-nos! Mas, à tarde, Ludmila termina o seu exercício de solo com uma postura trágica de estátua, que recebeu aplausos comedidos, e vai soluçar nos braços do treinador, sob o olhar impassível da romena.

Invocam-se os elementos: nadará ela num oceano de ar e de silêncio? Rejeita-se o desporto, demasiado brutal, quase vulgar em comparação com o que está a acontecer, rasura-se, recomeça-se: a rapariga não esculpe o espaço, é o espaço, não transmite a emoção, é a emoção. Surge — um anjo —, reparem nesse halo em redor dela, um vapor de *flashes* históricos, eleva-se acima das leis, das regras e das certezas, uma máquina poética sublime que avaria tudo.

Comenta-se a sua composição: sim, é certo que já havia um prenúncio de Nadia na Olga dos Jogos Olímpicos de Munique de 1972, mas com Nadia têm-se todos os pratos servidos ao mesmo tempo! A graciosidade, a precisão, a amplitude dos gestos, o risco e a pujança sem que se dê por isso! Dizem que ela é capaz de repetir o mesmo esquema quinze vezes seguidas. E aquela estrutura óssea... Ossos de fios de seda. Superior, do ponto de vista morfológico. Mais elástica.

Procura-se, dispõem-se as palavras assim, depois não, nessa ordem, tenta-se desenhar os seus contornos. A pequena fada comunista. A pequena fada comunista que nunca sorria. Risca-se a



palavra «adorável», pois já foi utilizada demasiadas vezes nos últimos dias, embora seja disso que se trata: dolorosamente adorável, insuportavelmente graciosa. E, obrigados a olhá-la da nossa condição de adultos, sim, temos vontade de penetrar na sua infância laboriosa, de estar o mais perto possível dela, protegida pelo *maillot* imaculado, sobre o qual não se distingue nem um vestígio de suor. «Uma Lolita olímpica que mal pesa quarenta quilos, uma colegial de catorze anos com uma silhueta de rapazinho que se verga a todas as exigências», escrevem. Queremos tocar o brilho que dela emana, qual brinquedo mágico e turbulento. Escapar dos nossos organismos a transbordar de hormonas lentas. A miúda desperta o desejo, ansiamos por isso, oh!, o desejo de a tocar, de estar perto dela, uma ânsia em espiral cada vez mais premente, para logo acabar, o esquema na trave durou noventa segundos. É epidémica. Os candongueiros vendem por cem dólares os bilhetes para a final que valem dezasseis, pois toda a gente quer ver as suas acrobacias encadeadas, durante as quais tememos que a sua leveza não lhe permita voltar a cair sobre os pés. E quando corre para os seus mortais, com os cotovelos a imprimirem ainda mais velocidade e com a firmeza absoluta da sua carne comprimida pelo *maillot* branco, ela é esse mecanismo fugaz que escapou com genialidade ao seu sexo e se evadiu para uma infância maravilhosa, simples e superior.

Já não se vêem as coisas da mesma maneira. Nadia é um recomeço. As outras ginastas são erros, deformações do ideal. Ela torna mais pesados os anos que a separam daquelas a quem começam a chamar «as outras» e que, no instante em que a criança entra em cena, esticam com nervosismo o tecido que lhes cobre as nádegas. Pôr em ordem a carne, esconder tudo aquilo que, de súbito, parece excessivo, incongruente, mesmo ridículo. E agora aqueles *maillots* parecem demasiado cavados, talvez um pouco estreitos para conter esses peitos comprimidos, que, quando as raparigas se lançam para o salto de cavalo, se agitam de forma imperceptível. Tudo isso, seios, ancas, explica um especialista durante

a transmissão, torna mais lentas as piruetas e mais pesados os saltos, mancha a execução. Ludmila é «tremendamente mulher». Na fotografia de um jornal diário, ao lado da ninfeta romena, parece desproporcionada; quanto a Olga, com franqueza, é quase embaraçoso. A câmara detém-se nela, lívida depois da consagração da rival romena. Não, não está cansada, está gasta: tem vinte anos, quase uma... — e ouvem-se os risos dos outros jornalistas presentes no estúdio — quase uma velha, quase se pode dizer que a usaram em demasia, não é?

Outros franzem o sobrolho, sejamos justos. Uma dama, sim, não está mal, uma grande dama, essa Ludmila. E Olga, afinal, é uma antiga fada. Um dia Nadia virá a passar pelo mesmo. Nesse momento, a imagem fixa-se na romena de rosto minúsculo, a mordiscar com nervosismo o polegar, e o jornalista murmura: «Ela tem um polegar tão pequeno...»